

# A EQUIVALÊNCIA DE SUBSTANTIVOS POLISSÊMICOS (FRANCÊS E PORTUGUÊS) E O USO DE DICIONÁRIOS BILÍNGÜES

Maria Cristina PARREIRA DA SILVA<sup>1</sup>

■ **RESUMO:** A descrição da equivalência dos itens lexicais de duas línguas é bastante complexa, pois não há correspondência biunívoca entre esses itens. Neste artigo, discuto o fenômeno da polissemia por meio de uma amostra de substantivos do português e do francês. A multiplicidade de sentidos de um item lexical se dá no nível da língua e não do discurso, por isso a necessidade de uma descrição adequada para inclusão nos dicionários. Um item polissêmico de uma língua pode equivaler a vários itens distintos em outra, ou a um item também polissêmico, que, por sua vez, apresenta outros correspondentes.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Equivalência. Polissemia. Substantivos do francês e do português. Dicionários bilíngües.

## Introdução

É bastante complexa a descrição da equivalência dos itens lexicais de duas línguas. Não há uma correspondência biunívoca entre os

---

<sup>1</sup> Departamento de Letras Modernas – Instituto BILCE – UNESP – 15054-000, São José do Rio Preto-SP, Brasil. E-mail: parreira@lem.ibilce.unesp.br.

vocábulos de dois idiomas distintos, e, ainda que as duas línguas em confronto sejam de origem latina, como o português e o francês, as disparidades de equivalência não são atenuadas.

Apresento, neste artigo, uma amostra de uma parcela do léxico: os substantivos, que constituem uma categoria lexical carregada de conteúdo semântico. Por ser plena de sentido, essa categoria é susceptível ao fenômeno da polissemia, que, em termos gerais, é a multiplicidade de sentidos de um mesmo item lexical.

Um item lexical pode ser portador de vários significados, sendo assim considerado polissêmico. Mas há outras relações de sentido relacionadas à polissemia, a saber, a monossema, a homonímia e a sinonímia.

Na comparação de duas línguas, é importante verificar como se dá a equivalência de itens lexicais polissêmicos. Mais ainda: é importante verificar como os dicionários de língua tratam esses itens e quando os consideram polissêmicos ou homonímicos. Tal tratamento influenciará na extensão da macro e da microestrutura da obra. Posso adiantar que um item polissêmico de uma língua de partida pode equivaler a vários itens distintos na língua de chegada, ou em um item correspondente que pode ou não recobrir todas as acepções do item da língua de partida.

Neste trabalho, evidencio que as divergências que as línguas apresentam quanto à equivalência de suas unidades são muito mais complexas quando se trata de itens polissêmicos. Apresento, quanto a esse aspecto, uma de minhas reflexões com relação à questão da adequação dos dicionários às necessidades dos consulentes.

Os estudos lingüísticos, principalmente os contrastivos e descritivos, são primordiais como base para uma melhor elaboração de obras lexicográficas, sobretudo as bilíngües. É preciso demonstrar até que ponto as fronteiras de sentido do léxico coincidem ou não entre uma língua e outra. É necessário desmistificar a crença de que certas línguas são bastante semelhantes e, portanto, de fácil aquisição/aprendizagem, não havendo grandes problemas na equivalência de seus itens lexicais.

Procedi a uma comparação dos verbetes de alguns substantivos da língua francesa e de seus correspondentes na língua portuguesa. Primeiramente, busquei saber se os itens são tratados como polissêmicos ou homonímicos nos dicionários monolíngües. Em seguida, observei se os dicionários bilíngües apresentavam o mesmo resultado. Adotei como

*corpus* três dicionários monolíngües: para o francês, *Le Nouveau Petit Robert*, a partir de agora NPR; para o português, a *Enciclopédia e dicionário ilustrado* de Koogan & Houaiss, designado EDI e o *Dicionário contemporâneo de português* de Biderman, indicado através da sigla DCP. Os dicionários bilíngües analisados foram: o *Dicionário brasileiro* de Signer (DBS) e o *Minidicionário de francês/português e português/francês* de D'Olim Marote (DDM).

## Questões em torno da polissemia

A questão da polissemia é complexa. Muito se discute, mas não se chegou ainda a um consenso a respeito de sua definição. As opiniões dos estudiosos divergem e se contrapõem sucessivamente. A discordância maior reside na determinação da fronteira entre a polissemia e a homonímia. A questão dos critérios a serem usados quando ocorre ambigüidade está longe de ser resolvida com unanimidade.

Essa confusão de idéias e/ou de posicionamentos teóricos, reflete-se no dicionário. Há lexicógrafos que dão preferência à homonímia e outros à polissemia; há ainda outros que colocam aleatoriamente os itens sem especificar qual critério teriam adotado ou sem adotar critério algum. Essa questão influi diretamente no modo de apresentação do vocabulário em um dicionário bilíngüe.

Por tratarem de um objeto bastante complexo que é a língua, as obras lexicográficas são passíveis de vários tipos de falhas. Essas falhas evidenciam-se tanto na macroestrutura quanto na microestrutura do dicionário. Ambas constituem a forma dupla de apresentação do texto lexicográfico. A primeira é uma seqüência vertical de elementos, chamados de entradas, dispostos geralmente em ordem alfabética e de todo material em anexo. A segunda é uma seqüência horizontal que forma os verbetes, que contêm informações variadas sobre cada entrada. Na macroestrutura é muito mais fácil de perceber uma falha, como a ausência de itens lexicais na nomenclatura, a má organização e seleção dos itens a serem incluídos. A microestrutura pode apresentar falhas, sobretudo quanto à ausência de acepções, à organização da disposição das acepções e à inclusão de traduções incorretas.

Uma questão principal que se coloca quando se fala nas relações semânticas seria: até que ponto certos elementos constituem a mesma palavra com várias acepções (polissemia) ou várias palavras diferentes

(homonímia)? Convém ressaltar que estou pensando apenas na homonímia homógrafa e homófono, aquela que causa verdadeiramente confusão na confecção de dicionários. Para resolver esse impasse, pode-se recorrer aos critérios diacrônico (etimologia) e sincrônico (ortografia, categoria gramatical, semântica, entre outros).

Portanto, a homonímia e a polissemia são dois fatores da ambigüidade léxica, cuja distinção é largamente aceita, porém não há uma homogeneidade quanto à definição de cada um desses conceitos. Há, porém, estudiosos que rejeitam essa distinção, devido à própria dificuldade na determinação das diferenças entre essas duas classificações quando os exemplos são verificados.

Há duas correntes: uma a favor do critério da etimologia como instrumento discriminador (cf. OFFORD, 1998); outra a favor do critério semântico (cf. MESSELAAR, 1985 e SILVA, 1989).

Ao considerar uma das abordagens (diacrônica ou sincrônica) como referência básica, o lexicógrafo incluirá palavras como homônimas ou polissêmicas que, se forem analisadas de acordo com outro critério, poderiam ser incluídas de forma diferente. Alguns autores refutam o uso do critério da etimologia, afirmando que, atualmente, o consulente não percebe a relação entre unidades com a mesma origem. Muitas palavras de mesmo étimo evoluíram e se desmembraram em sentidos tão diversos que atualmente não apresentam mais nenhuma relação (DUBOIS, 1998) e entre duas línguas podem até ser consideradas como *falsos cognatos*. A palavra *cálculo*, por exemplo, apresenta dois sentidos distantes: 1) *operação aritmética* e 2. *concreção calcária*. É um substantivo cujo étimo é *calculus*, do latim, para os dois sentidos. Em francês o item *calcul* apresenta igualmente dois sentidos, mas apenas o primeiro vem do verbo *calculer* (fr.), que se origina de *calculus* (lat.). Pelo critério semântico esses itens devem ser considerados como homônimos, mas, pelo critério etimológico como polissêmicos. Consultei os dicionários monolíngües citados acima e verifiquei que esse item é polissêmico no EDI (uma entrada) e no NPR e DCP é homonímico (corresponde a duas entradas).

## A equivalência de substantivos do francês e do português e o uso do dicionário

Ao tratar dos problemas da equivalência semântica na aprendizagem do vocabulário, Bogaards (1994, p.150) afirma que: "Les mots polysémiques dotés d'une signification centrale et de plusieurs

accepions périphériques sont ressentis comme beaucoup moins transférables". Parafrazeando, é mais difícil fazer a correspondência de palavras polissêmicas de uma língua à outra, pois apresentam uma significação central e outras acepções periféricas.

Há sempre uma expectativa dos aprendizes relativa à correspondência das línguas estudadas. Entre o inglês e o português, certamente os aprendizes evitariam traduções literais por considerarem as duas línguas bastante divergentes. Já no caso do português e do espanhol, por exemplo, acabam por cometer enganos por causa da transferência direta de significações, devido à crença da semelhança das duas línguas.

Se o usuário consultar um item polissêmico em um dicionário monolíngüe, ele pode se deparar com um inconveniente: a definição de um item polissêmico, além de ser extensa, é tão genérica e abstrata, que o usuário não consegue captar o sentido exato em sua língua materna (BOGAARDS, 1994).

Por outro lado, os dicionários bilíngües também não tratam dos itens polissêmicos de maneira adequada e uniforme. Cada obra emprega critérios diferentes ou os incluem na nomenclatura sem critério algum, numa sucessão de equivalentes sem nenhuma relação. Até mesmo em uma única obra encontram-se irregularidades. Certamente a solução seria a inserção de exemplos que especificassem os vários sentidos do item polissêmico.

Os dicionários bilíngües têm como objetivo, entre outros, o de auxiliar na distinção e compreensão das diferentes traduções de palavras polissêmicas. Alguns deles conseguem atingir esse objetivo, outros não. Para que a apresentação dos itens polissêmicos fique clara, é preciso que a microestrutura tenha uma organização ideal: cada equivalente deve ser numerado ou separado por algum sinal tipográfico (a enumeração de preferência), com indicações do nível de língua, do campo semântico e com exemplificações, cuja finalidade é ajudar o usuário a escolher a tradução correta e adequada ao seu texto (MARELLO, 1996).

Como não existe equivalência total entre o léxico das línguas, arrisco-me a afirmar que pode ocorrer uma simetria total apenas entre algumas unidades monossêmicas nas duas línguas comparadas. Normalmente esses casos configuram termos de um domínio específico ou palavras pouco freqüentes na língua. Quanto às palavras da língua geral, quanto mais freqüentes, mais polissêmicas. Nesse ponto de vista,

poder-se-ia dizer que a freqüência e a polissemia são duas grandezas diretamente proporcionais.

Rey-Debove (1966-1, p.83-84) declara que “quanto mais as palavras a serem definidas têm um semema pobre, mais elas são polissêmicas” (tradução nossa). No verbete *polissemia*, Dubois (1998), por sua vez, afirma que “a polissemia está em relação com a freqüência das unidades: quanto mais freqüente uma unidade, mais sentidos diferentes possui.” Portanto, definir palavras polissêmicas é uma atividade bastante complexa e necessária, já que se trata de itens de uso bastante freqüente e com ampla abrangência de significados.

Convém distinguir também *polissemia* de *sinonímia*. Este fenômeno se dá quando palavras com significantes diferentes apresentam semelhança no significado. Não há unanimidade também em relação à sinonímia. Na verdade, como a maioria dos estudiosos consideram que não há sinonímia perfeita, criou-se o termo parassinonímia. Rey-Debove (1966-1) afirma que só haveria sinônimos verdadeiros em casos particulares do discurso; na língua é praticamente impossível. Em síntese, para visualizar as distinções desses conceitos:

Sinonímia	Homonímia:	Polissemia:	Monossemia:
1 SO — nSE ≠	nSO ≠ — 1SE	1 SE — nSO ≅	1SE — 1SO

SE = significante SO = significado

Ao tratar da classe dos substantivos, Escarabajal & Kekenbosch (1998, p. 69), dizem que “os substantivos correspondem a conceitos ‘fechados’ na medida em que se pode evocar isoladamente sua significação e as propriedades ligadas a ela” (tradução nossa). Ao pensar na palavra *mesa*, logo surge na mente do falante seu conceito e o objeto a que ele se refere (referente extralingüístico). Porém, o mesmo não acontece com verbos, como por exemplo *morrer*. É possível evocar sua significação apenas se se considerar *um ser vivo que sofre a morte*. Portanto, os substantivos diferem dos verbos por terem um sentido independente e referencial, enquanto os verbos têm sentidos interdependentes e relacionais, na maioria dos casos.

Há várias argumentações que desautorizam essa classificação, pois na realidade, considerar apenas as categorias lexicais como critério para distinguir as significações conceptuais não é muito seguro, sobretudo porque, em certas línguas, as palavras podem passar de uma categoria à outra, carregando consigo os semas originais.

Deparando-se com palavras homófonas e homógrafas, o

lexicógrafo deve usar critérios para decidir como incluí-las na macroestrutura do dicionário. Os critérios mais usados são a etimologia (nível diacrônico) e a análise semântica (nível sincrônico). No entanto, mesmo aplicando devidamente os critérios, é muito complexa a determinação da fronteira entre a polissemia e a homonímia. Há casos que poderiam ser intermediários. Segundo a teoria da Semântica Estrutural, há uma terceira classificação, a multissemia, que seria o simples caso da presença simultânea da homonímia e da polissemia (LINN, 1993).

Segundo Dubois (1998), há dicionários de tratamento polissêmico e dicionários de tratamento homonímico. Nestes, as entradas são mais numerosas e os sentidos diferentes são separados. Naqueles, há menos entradas e os sentidos divergentes reunidos num só verbete. Os metalexígrafos têm notado, no entanto, que os lexicógrafos/dicionaristas não usam um critério uniforme. Sem dúvida, essa atitude traz prejuízo aos consulentes. Poder-se-ia questionar em que nível esses danos ocorrem. É fácil descrever algumas situações: um consulente, que não tenha uma competência lingüística apurada, desistirá da pesquisa ao verificar que, num verbete polissêmico (normalmente bastante extenso), a(s) primeira(s) acepção(ões) não coincide(m) com aquela de que necessita.

Na minha opinião, do ponto de vista empírico, pensando apenas no usuário, a reunião indevida de itens em um verbete é mais prejudicial do que o contrário, a separação inadequada. Aqueles que produzem dicionários devem observar, acima de tudo os objetivos a que se propõem. Na confecção de um dicionário escolar, monolíngüe ou bilíngüe, o público-alvo constitui-se de crianças e adolescentes que não têm noção da evolução das relações semânticas nas línguas, o que lhes interessa é o uso sincrônico. Por outro lado, não se deve desconsiderar que a separação de sentidos com traços semânticos comuns, fundada em quaisquer critérios, também causa danos à compreensão, além de aumentar o volume da nomenclatura da obra.

## **Amostra de uma análise comparativa apresentando os tipos de relações semânticas**

Na amostra que apresento a seguir, procuro caracterizar e exemplificar os tipos de relações semânticas de alguns substantivos do francês e seus equivalentes no português. É importante ressaltar que

os substantivos selecionados fazem parte da lista de frequência de palavras do *Français Fundamental* (GOUGENHEIM, 1967), material que tomei como base em minha dissertação de mestrado e na tese de doutorado. Analiso a organização desses itens nos dicionários verificados, com a indicação das obras que fizeram tratamento homonímico ou polissêmico, culminando em um quadro com os resultados.

I – Homônimos:

1. Homônimos homófonos não homógrafos:

Como o dicionário é uma obra escrita, esses itens não causam perturbação por causa da ordem alfabética. Consideremos os exemplos: *bout* (sm) e *boue* (sf) ou *foi* (sf), *foie* (sm) e *fois* (sf). Embora na língua oral sejam pronunciados de maneira idêntica, na escrita, a grafia fará com que esses itens se localizem em posições diferentes na nomenclatura.

2. Homônimos homófonos homógrafos:

2.1. Com diferentes categorias gramaticais:

2.1.1. Substantivo – verbo – Exemplo: *bois* (sm) e (je) *bois* (v).

2.1.2. Substantivo – advérbio – Exemplo: *point* (sm) e *point* (adv. neg.).

2.1.3. Substantivo – pronome – Exemplo: *personne* (sf) e *personne* (pron.).

2.1.4. Substantivo – adjetivo – Exemplo: *jeune* (sm) e *jeune* (adj.).

Esses itens são facilmente reconhecidos como homônimos, mas mesmo assim há disparidade na inclusão nos dicionários. O primeiro caso exemplificado não revela problema, pois nos dicionários não são incluídas palavras flexionadas. Quanto aos outros casos, é utilizado o critério da diferença de classe gramatical. Normalmente os sentidos divergem com a mudança da classe, haja vista o terceiro exemplo, cujo item passou a um sentido oposto. No caso do quarto exemplo, o item lexical *jeune* é muito mais usado como adjetivo, sendo que seu uso como substantivo é apenas uma extensão, pouco freqüente e com laços semânticos bastante estreitos, assim é inserido no NPR em um só verbete.

No DBS, o item *point* constituiu um só verbete, com variados exemplos de seu uso como substantivo; no entanto como advérbio há



apenas uma menção [adv *não mais*] mal formulada. Quanto ao item *personne*, também é colocado em um verbete único. No seu uso como pronome são indicados dois correspondentes antagônicos (*ninguém; alguém*) sem nenhuma explicação. *Jeune* compõe um único verbete apresentando a indicação das duas categorias às quais pode pertencer: adjetivo e substantivo.

No DDM, o item lexical *point* é subdividido em cinco entradas, sendo quatro como substantivo e uma como advérbio. O tratamento do item como advérbio é bastante claro. Quanto ao item *personne*, há três verbetes, dois como substantivo e um como pronome, incluindo algumas informações sintático-semânticas. *Jeune* também é colocado como uma única entrada, mesmo sendo usado como adjetivo e substantivo.

## 2.2. Com a(s) mesma(s) categoria(s) gramatical(is):

O item lexical *plan* é inserido em três entradas no NPR, sendo a primeira como adjetivo e as duas seguintes como substantivo masculino:

*plan* (e) = plano, liso, uniforme.

*plan* = plano, superfície plana.

*plan* = planta, mapa, projeto.

No dicionário enciclopédico EDI há apenas uma entrada para os três homônimos *plano*. Já no DCP, há três entradas *plano*, cujas acepções correspondem àquelas contidas no NPR.

No DBS, esse item compõe uma entrada com as indicações das classes: adjetivo em primeiro lugar e substantivo em seguida. No DDM há três entradas, com as classes dispostas da mesma forma.

## II – Polissêmicos:

### 3.1. Com subdivisão no correspondente do português:

O item lexical polissêmico em francês possui dois correspondentes em português. Cria-se uma fronteira de sentidos relevante em uma das línguas que não existe na outra. Normalmente os itens correspondentes são polissêmicos também na língua de chegada. Muitas vezes há um traço semântico que une esses correspondentes. Exemplos:

*place* = praça/lugar [espaço].

*fille* = filha/moça [humano, sexo feminino, jovem].  
*prix* = preço/prêmio [valor].

Esses três exemplos tratados são considerados polissêmicos no DBS. Já no DDM, os itens *place* e *prix* são julgados polissêmicos, enquanto o item *fille* constitui duas entradas.

### 3.2. Com vários equivalentes no português:

A palavra *serviette* é polissêmica, apresentando um sentido geral de “peça de pano usada à mesa ou no toalete, para não se sujar, se limpar, se enxugar etc.”, definição que se aproxima de *toalha* em português. Em contextos diferentes recebe especificações de seu sentido tão genérico, por meio de colocações ou expressões:

*serviette de table* = guardanapo.

*serviette de bain* = toalha de banho.

*serviette de toilette* = toalha de rosto.

*serviette hygiénique, périodique* = absorvente íntimo.

Há também um segundo sentido que se distancia um pouco mais dos anteriores, talvez criado por uma relação metonímica de matéria-objeto: *serviette* = pasta para carregar papéis e documentos. Outro exemplo desse caso: *route* = estrada; caminho; itinerário; viagem; percurso, rota.

Tanto *serviette* quanto *route* são tratados no DBS como polissêmicos. Esses itens recebem o mesmo tratamento no DDM.

3.3. Com um correspondente igualmente polissêmico na língua portuguesa:

O item lexical francês *cours* tem uma forte carga semântica. Suas acepções são ilustradas sucintamente a seguir:

- 1 – Escoamento contínuo de água, curso de água, corrente;
- 2 – Movimento real ou aparente, seqüência contínua no tempo, desenvolvimento, sucessão;
- 3 – Circulação regular de uma mercadoria ou valor, preço, cota, taxa, tarifa, valor legal;
- 4 – Ensino contínuo, curso, aula, lições relativas a uma matéria, nível de estudo (médio, secundário ou superior) ou estabelecimento de ensino direcionado a uma categoria de alunos (curso de inglês, de informática);
- 5 – Marcha, progressão.

Praticamente todas essas acepções são recorrentes no verbete *curso* do EDI. No verbete *curso* do DCP encontrei, em primeiro lugar, a quarta acepção e, em segundo, a primeira acepção. Isso se justifica porque o objetivo da lexicógrafa responsável é atender a um público escolar. Omite, assim, acepções menos usuais nesse nível. O item *cours* é tratado como polissêmico no DBS; já no DDM é considerado como um substantivo homônimo, constituindo quatro entradas.

### III – Casos mistos – homônimos e polissêmicos:

Cito aqui dois exemplos, *droit* e *tour*, em que os itens lexicais apresentam-se como homônimos, mas que em uma de suas acepções é polissêmico, resultando ou em itens homônimos em português, ou em vários correspondentes, sem nenhuma ligação formal.

Quanto à inclusão do item *droit*, há uma complexidade maior porque apresenta homônimos que se distribuem nas funções de substantivo, de adjetivo e de advérbio. Há um item que só é usado no gênero masculino e outro só no gênero feminino (é um derivado que adquiriu *status* de item lexical).

1. *droit* (e) adj. e adv. – direto; reto; direito, justo; diretamente; corretamente;
2. *droit* (e) adj. e sm. – direito (a) [em oposição à esquerdo(a)]; destro;
3. *droit* sm. – conforme a uma regra, direito; ter seus direitos, exercer os direitos; direito legal; justiça, moral;
4. *droite* sf. – lado direito; direita; direita (lado direito de uma rua); partido político da direita; linha reta;

Em português, no EDI, há uma entrada para *direita*, duas entradas para *direito*, como substantivo e como adjetivo, e finalmente, uma entrada para *direto*, como adjetivo. No DCP, há uma entrada para *direita* (sf), duas entradas para *direito* (adj), uma entrada para *direito* (adv), duas entradas para *direito* (sm) e uma entrada para *direto* (adj). Essa disposição justifica-se pela opção de não incluir itens de classes diferentes em um mesmo verbete.

O item *tour* também se apresenta de modo complexo. Nenhum de seus equivalentes em português corresponde biunivocamente ao item francês. Portanto, não ocorre uma simetria dos fenômenos da homonímia

ou da polissemia com seus equivalentes.

1. *tour* (sf) = torre;
2. *tour* (sm) = torno; armário cilíndrico giratório;
3. *tour* (sm) = volta, circunferência, contorno; redor, (em) torno; passeio, viagem, percurso; giro, rotação; golpe; artifício; maneira; vez.

Também nesse caso, o DBS dá preferência à polissemia, quando na realidade trata-se de um caso complexo. Sob uma única entrada – *droit* (e) – são tratadas as acepções desse item como adjetivo, substantivo feminino e masculino. O mesmo acontece com *tour*, cujos correspondentes são listados, seguidos de alguns exemplos. O DDM, por sua vez, distribui esses itens em várias entradas, demonstrando uma predileção pela homonímia. Na primeira e segunda entradas *droit* (e) é adjetivo, na terceira entrada *droit* é incluído como substantivo masculino. A forma flexionada feminina lexicalizada - *droite* – também é incluída em duas entradas. Quanto ao item *tour*, é distribuído em três entradas: a primeira como substantivo feminino e as duas restantes como substantivo masculino.

Finalmente, apresento um quadro ilustrativo que lista a quantidade de entradas que os itens tratados aqui constituem em cada dicionário examinado:

item lexical	NPR	EDI	DCP	DBS	DDM
<i>Point</i>	2	—	—	1	5
<i>personne</i>	2	—	—	1	3
<i>Jeune</i>	1	—	—	1	1
<i>Plan</i>	3	plano 1	Plano 3	1	3
<i>Place</i>	1	—	—	1	1
<i>Fille</i>	1	—	—	1	2
<i>Prix</i>	1	—	—	1	1
<i>Serviette</i>	1	—	—	1	1
<i>Route</i>	1	—	—	1	1
<i>Cour</i>	1	curso 1	curso 1	1	4
<i>Droit</i>	<i>droit</i> 3 <i>droite</i> 1	direita 1 direito 2; direto 1	direita 1 direito 5; direto 1	1	<i>droit</i> 3 <i>droite</i> 2
<i>Tour</i>	3	—	—	1	3

## À guisa de conclusão

Os dicionários monolíngües examinados podem ser agrupados nos tipos: 1) de tratamento polissêmico – EDI e 2) de tratamento homonímico – NPR e DCP. Os dicionários bilíngües também podem ser classificados nessa perspectiva. Observei, com os modestos exemplos apresentados, que 1) o DBS dá primazia ao tratamento polissêmico e 2) o DDM, ao contrário, tem predileção pelo tratamento homonímico.

Quanto às doze palavras apresentadas no quadro acima, os dicionários monolíngües e bilíngües só estão de acordo quanto ao tratamento de cinco palavras: *jeune*, *place*, *prix*, *serviette* e *route*, sendo que todos as consideram polissêmicas. Em relação às sete restantes, há discrepância quanto ao número de entradas. Ressalto que há a mesma relação considerados apenas os dois dicionários bilíngües.

Ainda não há um consenso sobre qual seria a equação correta para a produção de dicionários bilíngües de boa qualidade. Quanto à inclusão de itens polissêmicos, acredito que os estudos contrastivos entre as línguas e a comparação das obras lexicográficas podem levar a um resultado satisfatório.

Na minha concepção, o critério semântico parece mais adequado ao usuário. No entanto, creio que, acima de tudo, é essencial que o lexicógrafo siga um critério bem definido para que o resultado de seu trabalho seja coerente e fundamentado. Para atingir esse resultado, é preciso estabelecer uma hierarquia dos critérios que possa ser aplicada a todos os itens lexicais, de modo que haja coerência e homogeneidade no corpo das obras lexicográficas.

## The equivalency of polysemic french and portuguese nouns

■ **ABSTRACT:** *The description of equivalency in lexical items in two languages is highly complex, since there is no biunivocal correspondence between these items. In this article, I discuss the phenomenon of polysemy by means of a sample of Portuguese and French nouns. The multiplicity of meanings of a lexical item exists at the level*

*of language and not of discourse. Thus it is necessary to provide an adequate description for dictionary use. A polysemic item in a language may be equivalent to various distinct items, or to a single item which is also polysemic, which, in turn, has other correspondent meanings.*

■ **KEYWORDS:** *Equivalency. Polysemic. French and Portuguese nouns. Bilingual dictionaries.*

## **Referências**

**BOGAARDS, P.** Le vocabulaire dans l'apprentissage des langues étrangères. Paris: Didier- Hatier, 1994. Col. LAL - Langues et apprentissage des langues.

**DUBOIS, J. et al.** Dicionário de lingüística. São Paulo: Cultrix, 1998.

**ESCARABAJAL, M-C., KEKENBOSCH, C.** L'activité de catégorisation de substantifs, de verbes et de dérivés verbaux. *Langages*. Paris: Larousse, n. 132, déc. 1998. p.69-86.

**LINN, T. de M.** Homonímia e polissemia. *Cadernos do IL*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 10, jul. de 1993. p.57-64.

**MARELLO, C.** Les différents types de dictionnaires bilingues. In: **BÉJOIN, H. THOIRON, P.** Les dictionnaires bilingues. Bruxelles: Duculot, 1996. (Aupelf-Uref) Col. Champs linguistiques. ch. 6, p.31-52.

**MESSELAAR, P. A.** Polysémie et homonymie chez les lexicographes. Plaidoyer pour plus de systématisation. *Cahiers de lexicologie*. Paris: Didier Erudition, v. 46, 1985-1. p.45-56.

**OFFORD, M.** L'ambiguïté en français. *Cahiers de lexicologie*. Paris: Didier Erudition, n. 73, 1998-2. p.107-130.

**REY-DEBOVE, J.** La définition lexicographique: recherches sur

*l'équation sémique. Cahiers de lexicologie.* Paris: Didier Erudition, v. 8, 1966-1. p.71-94.

SILVA, A. S. Homonímia e polissemia: análise sêmica e teoria do campo léxico. Comunicação apresentada no *XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românica*. Santiago de Compostela, 4 a 9 set. 1989.

## Obras consultadas

BIDERMAN, M.T.C. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. *In: OLIVEIRA, A.M.P.P., ISQUERDO, A. N. As ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.* Campo Grande: Ed. UFMS, 1998. p.129-142.

\_\_\_\_\_. *Dicionário contemporâneo do português.* Petrópolis: Vozes, 1992.

D'OLIM MAROTE, J. T. (org.) *Minidicionário francês/português e português/francês.* São Paulo: Ática. 5 ed., 1999.

GOUGENHEIM, G. *et al. L'élaboration du français fondamental.* (1er. degré) Paris: Didier, 1967.

KOOGAN, A., HOUAISS, A. *Enciclopédia e dicionário ilustrado.* Rio de Janeiro: Delta, 1996.

*Le nouveau petit Robert.* Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française. Paris: Le Robert, 1994.

SIGNER, R. *Dicionário brasileiro: francês-português/português-francês.* São Paulo: Oficina de Textos, 1998.